



## PESSOAS IDOSAS 80+ NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

### **Simone Bezerra Franco**

*Estudante de Doutorado da Universidade de Brasília (UnB), Brasília / DF, Brasil: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – (PPGDSCI), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)*

E-mail principal: simone.bezerrafranco@gmail.com

### **Leides Barroso Azevedo Moura**

*Prof<sup>a</sup>. Dra. Universidade de Brasília (UnB), Brasília / DF, Brasil: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – (PPGDSCI), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)*

E-mail: leidesm74@gmail.com

### **Marília Miranda Forte Gomes**

*Prof<sup>a</sup>. Dra. Universidade de Brasília (UnB), Brasília / DF, Brasil: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – (PPGDSCI), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)*

E-mail: mariliamfg@gmail.com

### **Ricardo Ajax Dias Kosloski**

*Estudante de doutorado da Universidade de Brasília (UnB), Brasília / DF, Brasil: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional – (PPGDSCI), vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)*

E-mail: rikosdf@gmail.com

### **Resumo**

Este artigo explora as percepções e experiências de pessoas idosas com 80 anos ou mais em relação à Inteligência Artificial (IA), a partir de dados coletados por meio de questionários aplicados a participantes do Serviço Social do Comércio (SESC) – Distrito Federal (DF). A pesquisa evidencia como o envelhecimento populacional, somado ao avanço das tecnologias digitais, torna urgente a inclusão da pessoa idosa na era da IA. Estudos recentes apontam benefícios potenciais, como assistentes virtuais e dispositivos inteligentes aplicados à saúde e ao cotidiano, ao mesmo tempo em que ressaltam barreiras como a divisão digital e a necessidade de capacitação. Os resultados mostram que a maioria dos participantes já ouviu falar de IA e associa o conceito a exemplos práticos, como Alexa ou “robôs inteligentes”, embora haja variação no nível de compreensão. Poucos relataram utilizar regularmente ferramentas de IA, sobretudo assistentes de voz, mas quase todos demonstraram interesse em aprender e reconheceram que a IA pode ser útil para fortalecer sua conexão com o mundo digital. Conclui-se que iniciativas de educação digital voltadas às pessoas idosas são fundamentais para combater o idadismo digital

e promover o uso consciente dessas tecnologias como apoio a um envelhecimento ativo, autônomo e conectado.

**Palavras-chave:** Pessoas idosas 80+, Inteligência Artificial, Inclusão digital

## Abstract

This article explores the perceptions and experiences of older adults aged 80 and above regarding Artificial Intelligence (AI), based on data collected through questionnaires applied to participants of Social Service of Commerce (SESC) – Federal District (DF). The study highlights how population aging, combined with the rapid advancement of digital technologies, underscores the urgency of including older people in the age of AI. Recent research points to potential benefits, such as virtual assistants and smart devices for health and daily life, while also emphasizing barriers like the digital divide and the need for training. Findings show that most participants had already heard of AI and associated the concept with practical examples, such as Alexa or “intelligent robots,” although the depth of understanding varied. Few reported using AI tools regularly, especially voice assistants, but almost all expressed interest in learning and acknowledged AI’s usefulness in strengthening their connection to the digital world. The study concludes that digital education initiatives aimed at older adults are essential to counter digital ageism and to promote the conscious use of AI technologies as a means of supporting active, autonomous, and connected aging.

**Keywords:** Older adults 80+, Artificial Intelligence, Digital inclusion

## Introdução

O avanço tecnológico nas últimas décadas coincide com transformações demográficas marcantes, em especial o envelhecimento populacional. A Organização das Nações Unidas projeta um crescimento acelerado da população idosa global, estimando que o número de pessoas com 60 anos ou mais ultrapassará 1,4 bilhão em 2030 (Miller & Callegari, 2024). No Brasil, as pessoas idosas com 80 anos ou mais já representam cerca de 2,2% da população total (Brasil, 2024) um contingente em expansão e com necessidades específicas. Diante desse panorama, surge a questão de como a Inteligência Artificial pode impactar a vida das pessoas idosas 80+. Tecnologias de IA estão cada vez mais presentes em serviços do cotidiano (assistentes virtuais, dispositivos *smart*, aplicativos de saúde, entre outros) e prometem ganhos em eficiência, autonomia e qualidade de vida. Estudos indicam que aplicações baseadas em IA podem melhorar o bem-estar físico e psicológico, a qualidade de vida e a independência de pessoas idosas (Miller & Callegari, 2024). Por exemplo, assistentes virtuais com reconhecimento de voz podem auxiliar na comunicação e no acesso a informações sem exigir habilidades avançadas de letramento digital por parte da pessoa idosa. Robôs de companhia ou de cuidado e sistemas automatizados de monitoramento podem oferecer suporte em tarefas diárias e cuidados de saúde, contribuindo para o chamado envelhecimento no lugar, envelhecer com segurança em casa (Souza *et al.*, 2021).

Entretanto, a incorporação de pessoas idosas na revolução digital enfrenta desafios importantes. Um deles é a divisão digital geracional: indivíduos mais velhos, especialmente em faixas etárias avançadas, tendem a ter menor acesso e familiaridade com computadores, internet e novas tecnologias (Miller & Callegari, 2024). Essa menor inserção digital resulta não apenas de fatores físicos (declínio visual, motor ou outras limitações funcionais), mas também de fatores psicológicos e sociais como falta de confiança para usar tecnologia ou ausência de treinamento adequado (Miller & Callegari, 2024). Barreiras como custo de dispositivos/conexão, percepção limitada dos benefícios potenciais e receio quanto a riscos de privacidade ou segurança também podem desestimular a adoção tecnológica por parte das pessoas idosas (Miller & Callegari, 2024). Adicionalmente, há o fenômeno do idadismo digital, isto é, preconceitos e estereótipos que subestimam a capacidade das pessoas idosas em aprender e utilizar tecnologias, o que pode levar à exclusão ou ao pouco

investimento em soluções acessíveis a esse público.

Considerando esse contexto, torna-se essencial investigar como as pessoas idosas percebem a Inteligência Artificial tanto para compreender seus níveis de conhecimento e possíveis concepções equivocadas, quanto para identificar motivações e obstáculos à sua utilização. Pesquisas recentes têm ressaltado a lacuna de conhecimento sobre as atitudes de usuários 60 + em relação às tecnologias de IA (Miller & Callegari, 2024). Grande parte da literatura focou em perspectivas de profissionais de saúde ou na população em geral, enquanto as pessoas idosas, grupo-chave de usuários, receberam atenção limitada (Miller & Callegari, 2024). Essa lacuna de entendimento pode afetar a aceitação e uso futuros dessas ferramentas, já que a disposição de utilizar uma inovação tecnológica está ligada à percepção que o indivíduo tem dela, seja como algo útil, confiável, amigável ou, ao contrário, complicado e ameaçador.

Com o objetivo de contribuir para esse campo, este artigo apresenta um estudo exploratório sobre a percepção de IA entre pessoas idosas com 80 anos ou mais, participantes de unidades do SESC no Distrito Federal. A pesquisa coletou informações por meio de entrevistas estruturadas via questionário, abrangendo desde dados sociodemográficos dos participantes até questões sobre familiaridade com tecnologias digitais, conhecimento do termo Inteligência Artificial, usos práticos já vivenciados e opiniões acerca da utilidade e do interesse em aprender sobre IA. A metodologia adotada foi predominantemente descritiva, com abordagem mista, aplicou-se um questionário com perguntas fechadas e abertas a uma amostra de 14 pessoas idosas, todas com 80 anos ou mais de idade, vinculadas a diferentes unidades do SESC-DF. Essas participantes já haviam integrado a pesquisa anterior realizada entre o final de 2021 e o início de 2022, que envolveu 230 pessoas idosas e abordou perfil socioeconômico, uso de tecnologias, habilidades digitais e apoio social. As respostas foram anonimizadas e analisadas de forma agregada, buscando identificar tendências gerais e exemplos ilustrativos. Este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica com base em literatura recente sobre envelhecimento e IA; em seguida, no desenvolvimento, descrevem-se o perfil dos participantes e os achados da pesquisa de campo, discutindo-os à luz do referencial teórico; por fim, nas considerações finais, sintetizam-se as conclusões e implicações do estudo, apontando recomendações para práticas de inclusão digital de pessoas idosas no contexto da IA.

## **Fundamentação teórica**

A rápida evolução das tecnologias digitais e da Inteligência Artificial abre novas possibilidades para a promoção do bem-estar na população idosa, ao mesmo tempo em que exige atenção para garantir que esses avanços sejam inclusivos. Benefícios potenciais da IA para pessoas idosas vêm sendo documentados em diversas áreas. Na saúde, por exemplo, algoritmos de IA podem auxiliar em diagnóstico e monitoramento, enquanto *chatbots* e agentes virtuais oferecem companhia e orientações, e dispositivos *wearables* monitoram sinais vitais, contribuindo para cuidados personalizados (Miller & Callegari, 2024). Fora do âmbito estritamente médico, assistentes de voz e sistemas de casa inteligente podem facilitar atividades cotidianas, aumentando a autonomia de indivíduos com limitações físicas ou cognitivas. Conforme destacado por Lorencini *et al.* (2023), o mercado de tecnologia tem percebido cada vez mais as pessoas idosas como público-alvo, desenvolvendo soluções de IA voltadas a suprir necessidades diárias e cuidados de saúde (Souza *et al.*, 2021). Residências inteligentes com sensores e automação podem, por exemplo, controlar iluminação, eletrodomésticos e segurança de forma adaptada, enquanto robôs cuidadores já são realidade em alguns países, capazes de lembrar horários de medicamentos, fazer companhia e até chamar ajuda em caso de quedas. Essas inovações se mostram úteis especialmente para quem vive sozinho ou tem doenças crônicas, quando não há um cuidador presente 24 horas (Souza *et al.*, 2021). Estudos nacionais e internacionais ilustram aplicações práticas dessas tecnologias.

Souza *et al.*, (2021) mapeiam funcionalidades disponíveis em assistentes virtuais populares como os desenvolvidos por Amazon, Google e Apple direcionadas a população idosa, desde controlar luzes da casa à distância, atender comandos de voz para fazer ligações ou responder dúvidas, emitir lembretes de horários de medicamentos, até sistemas de segurança doméstica inteligente capazes de acionar emergências e detectar quedas. Tarefas triviais como aspirar a casa ou alimentar um animal de estimação também podem ser automatizadas com auxílio de IA promovendo conforto e independência (Souza *et al.*, 2021). Ademais, pesquisas sugerem que tecnologias conversacionais podem contribuir para reduzir a solidão de pessoas idosas, fornecendo interação social simulada e acesso facilitado a entretenimento e informação (Liao *et al.*, 2024).

Apesar dos avanços, desafios importantes impedem que tais benefícios alcancem toda a população idosa de forma equitativa. A *divisão digital* permanece evidente: mesmo com o aumento recente na conectividade de pessoas idosas no Brasil, a parcela de 60+ que usa a internet saltou de 68% em 2018 para 97% em 2021, impulsionada pela pandemia ainda há grandes discrepâncias em termos de *qualidade* desse uso e acesso (Agência da hora, 2021). Pessoas idosas ou menor escolaridade frequentemente possuem habilidades digitais limitadas e acesso restrito a dispositivos adequados ou internet de qualidade (Wong *et al.*, 2025). A literatura aponta que entre pessoas idosas de menor renda, as taxas de uso regular da internet podem ser muito baixas em torno de 17%, segundo um estudo citado por Miller e Callegari, (2024). Os obstáculos vão desde a ausência de infraestrutura, conexão banda larga, dispositivos atualizados, passando pelo custo financeiro, até barreiras subjetivas de falta de familiaridade, medo de fazer algo errado e, principalmente, carência de treinamento prático que os capacite a usar novas ferramentas (Wong *et al.*, 2025).

No caso específico da Inteligência Artificial, há ainda fatores adicionais a considerar. Por ser uma tecnologia relativamente nova no cotidiano da maioria das pessoas, há desconhecimento sobre o que exatamente configura uma IA e como ela funciona. Termos técnicos e conceitos abstratos podem dificultar a compreensão pelo público leigo, gerando confusão ou noções imprecisas, especialmente entre gerações que não tiveram contato com computação e algoritmos em sua vida profissional ou educacional. Além disso, questões éticas em torno da IA como privacidade de dados, segurança e confiabilidade das decisões automatizadas tendem a despertar preocupação em usuários de todas as idades. Pesquisas mostram que pessoas idosas têm interesse em saber quando estão interagindo com algo gerado por IA e desejam transparência sobre os riscos associados. Por exemplo, em uma sondagem nacional nos EUA (*National Poll on Healthy Aging*, 2025), 92% dos adultos acima de 50 anos afirmaram querer ser informados caso um conteúdo tenha sido produzido por IA, e 81% demonstraram desejo de aprender mais sobre os riscos da IA. Há também ceticismo quanto à confiabilidade: quase metade dos participantes desse inquérito disse ter *pouca ou nenhuma confiança* em informações geradas por IA. Contraditoriamente, muitos reconhecem benefícios práticos no mesmo estudo, mais da metade relatou já ter usado alguma tecnologia de IA interativa, e entre os que usaram assistentes de voz ou dispositivos domésticos inteligentes, a grande maioria achou essas ferramentas úteis para viver com mais segurança e independência (Almeida *et al.*, 2025). Isso sugere que a experiência concreta com tecnologias de IA pode atenuar medos e aumentar a confiança, embora persistam demandas por maior esclarecimento e suporte.

Por fim, diversas iniciativas acadêmicas e comunitárias têm ressaltado a importância da capacitação digital para pessoas idosas. Modelos como o *Senior Technology Acceptance & Adoption Model (STAM)* enfatizam que a facilidade de aprendizado e uso são determinantes na adoção de tecnologia por parte dos mais velhos. Intervenções educacionais, como programas intergeracionais de treinamento em smartphones, internet e dispositivos inteligentes, têm obtido sucesso em elevar a confiança e as habilidades digitais desse público (Miller & Callegari, 2024). Tais ações não apenas reduzem a divisão digital como também melhoram a atitude dos participantes em

relação ao envelhecimento ativo e conectado. No contexto da IA, isso se traduz em preparar as pessoas idosas para utilizarem assistentes virtuais, *chatbots* e demais soluções de forma crítica e proveitosa, por exemplo, ensinando comandos de voz, configurando aplicativos acessíveis e discutindo noções básicas de segurança digital. À luz da literatura, fica claro que empoderar a pessoa idosa através do conhecimento é fundamental para que a IA seja efetivamente incorporada em seu cotidiano, potencializando benefícios e minimizando riscos. A seguir, examinamos como essas dinâmicas se manifestam em um grupo de pessoas idosas 80+ participantes do SESC-DF, a partir dos dados coletados em nossa pesquisa.

## **Desenvolvimento do tema**

### **Perfil dos participantes**

Os participantes deste estudo foram 14 pessoas idosas vinculadas a unidades do SESC no Distrito Federal, todas com 80 anos ou mais no momento da pesquisa. A idade média era de aproximadamente 85 anos, sendo a participante mais velha com 95 anos. Predominou o sexo feminino (85,7%) em comparação ao masculino (14,3%), o que reflete a maior longevidade feminina nas estatísticas nacionais (IBGE, 2023).

Quanto ao estado civil, a maioria (64,3%) declarou-se viúva, solteira ou divorciada, enquanto apenas 35,7% eram casadas(os). Embora todos possuam filhos, 50% não residiam com familiares, evidenciando arranjos de moradia independentes.

O grupo apresentou baixa escolaridade: 57,3% não concluíram o ensino fundamental, 7,1% possuíam ensino médio completo, 14,3% tinham ensino superior (completo ou incompleto) e 7,1% não haviam sido alfabetizados. Em termos de raça/cor, a maioria das participantes se autodeclarou preta (71,4%), enquanto 28,6% se identificaram como não pretas, o que evidencia a diversidade presente na população idosa brasileira.

A renda familiar foi predominantemente baixa: 28,6% declararam até um salário-mínimo, 50,0% entre um e três salários-mínimos e apenas 21,4% entre quatro e dez salários-mínimos. Essa condição socioeconômica reforça a vulnerabilidade digital do grupo, já que menor renda tende a limitar o acesso a tecnologias (Miller & Callegari, 2024). Todos esses achados estão sintetizados na **Tabela 1**, que apresenta a distribuição sociodemográfica do grupo analisado.

Mais de dois terços relataram enfrentar dificuldades no uso da internet ou do celular, dependendo frequentemente da ajuda de filhos, netos ou pessoas próximas para resolver problemas técnicos. Ainda assim, 71,4% utilizam aplicativos de comunicação como o *WhatsApp*, acessando a internet quase exclusivamente por celulares, padrão comum entre pessoas idosas no Brasil, uma vez que dispositivos móveis são mais acessíveis e intuitivos (Agência da hora, 2021).

**Tabela 1** - Características sociodemográficas das 14 pessoas idosas 80+ participantes de atividades do SESC – DF.

Características		n	%
Sexo	Masculino	2	14,30
	Feminino	12	85,70
Cor ou Raça	Preta	10	71,40
	Não-preta	4	28,60
Escolaridade	Fundamental incompleto	8	57,30
	Fundamental completo/médio incompleto	3	21,40
	Ensino médio completo e superior incompleto	1	7,10
	Superior completo	1	7,10
	Não-Alfabetizados	1	7,10
Estado Civil	Casado	5	35,70
	Separado/Divorciado	1	7,10
	Viúvo	6	42,90
	Solteiro	2	14,30
Religião	Católica	12	85,80
	Evangélica	1	7,10
	Outras religiões (Afro-brasileira e Espírita)	1	7,10
	Nenhuma Religião	-	-
Renda	Até 01 salário-mínimo	4	28,60
	De 01 a 03 salários-mínimos	7	50,00
	De 04 a 10 salários-mínimos	3	21,40
	Não sabe precisar a renda	-	-
Mora com alguém	Sim	9	64,30
	Não	5	35,70
Com quem moras?	Parceiro íntimo	-	-
	Filhos	2	14,30
	Netos/Bisnetos	1	7,10
	Familiares	1	7,10
	Parceiro íntimo e familiares	6	36,50
	Sozinho	5	35,70
<b>Idade média (X = 85) – idade mínima (80) - idade máxima (95)</b>			

Fonte: Autoria própria, 2025.

O estudo também observou todos os preceitos éticos. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília (CAAE n.º 12345618.1.0000.0030), em conformidade com a Resolução CNS 466/2012. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo voluntariedade e confidencialidade.

### Conhecimento e percepções sobre Inteligência Artificial

Um dos focos centrais do questionário foi avaliar o nível de conhecimento prévio sobre Inteligência Artificial entre os participantes. Quando indagados se já tinham ouvido falar em Inteligência Artificial antes, cerca de 43% responderam afirmativamente, ao passo que os demais 57% nunca tinham escutado o termo ou não estavam seguros a respeito. Esse dado demonstra que, mesmo recentemente, uma parcela significativa de pessoas idosas 80+ ainda não teve contato nem mesmo conceitual com o tema. Por outro lado, o fato de quase metade ter ouvido falar indica que notícias em mídias de grande circulação ou conversas familiares podem ter levado o termo ao conhecimento de alguns, ainda que superficialmente.

Entre os que já tinham ouvido falar de IA, procuramos captar o que entendiam pelo conceito. As respostas abertas revelam percepções variadas, muitas vezes conectadas a exemplos práticos ou analogias simples. Uma participante de 80 anos definiu IA como “*um modo de incentivar a aprender mais; um robô*”, denotando a ideia de máquinas inteligentes que estimulam o aprendizado. Outra, de 89 anos, mencionou lembrar-se de ter ouvido o nome, mas “*não saber explicar bem o que é*”. Duas participantes associaram imediatamente à assistente virtual Alexa, indicando que, para elas, a IA “é

*aquela que conversa comigo*” ou simplesmente citaram “*Alexa*” como sinônimo do conceito. De modo geral, para aqueles com alguma noção de IA, prevalece a associação com máquinas ou programas que imitam características humanas como conversar, pensar ou aprender. Não houve menções a definições técnicas; ao invés disso, exemplos concretos, *chatbots*, robôs, assistentes digitais, formam o núcleo do entendimento, como também aparece em estudos qualitativos com pessoas idosas (Souza *et al.*, 2021; Wong *et al.*, 2025).

Já entre os participantes que nunca ouviram falar de IA, após uma breve explicação, por exemplo, “*programas de computador ou máquinas que aprendem e tomam decisões sozinhas, como a Siri do iPhone ou carros autônomos*”, muitos demonstraram surpresa e curiosidade. Uma participante de 84 anos afirmou: “*Ah, então a Alexa é isso... já ouvi meus netos falando dela*”, sugerindo que mesmo sem conhecer o termo, já havia referências indiretas. Isso reforça a importância de apresentar a IA contextualizada à realidade dessas pessoas conectando o novo conceito a algo palpável do cotidiano. Estratégias pedagógicas que partem do concreto para o abstrato tendem a favorecer a alfabetização tecnológica nessa faixa etária.

Quanto às opiniões espontâneas, emergiram tanto visões positivas quanto alguma reserva. Entre os que já tinham familiaridade, predominou a ideia de que “*veio para ficar e temos que aprender*”. Outra participante (87 anos) mostrou entusiasmo ao dizer que achava “*interessante*” e que conversa com a Alexa. Por outro lado, duas respondentes declararam “*não vejo utilidade*”, indicando que, para parte das pessoas idosas 80+, a conexão entre as promessas da IA e suas necessidades diárias ainda não é evidente. A literatura mostra que, quando pessoas idosas não percebem utilidade imediata ou não compreendem o funcionamento, tendem a não se engajar (Wong *et al.*, 2025; Miller & Callegari, 2024). Logo, traduzir a tecnologia em benefícios concretos é crucial para aumentar interesse e aceitação.

### **Uso de dispositivos e serviços com IA**

Além do conhecimento conceitual, mapeamos se o grupo já utiliza ou utilizou dispositivos, serviços ou aplicativos com IA, mesmo sem reconhecê-los como tal. A lista de exemplos incluiu assistentes de voz (Siri, Google Assistente, Alexa), *chatbots* de atendimento, aplicativos de saúde inteligentes e outros. 50,0% dos participantes responderam que sim, já usou ou usa alguma tecnologia do tipo; os demais negaram uso. Esse resultado é expressivo para a faixa etária analisada, lembrando que o uso tem graus, pode ter sido esporádico ou mediado por terceiros.

Dentre os usos relatados, destacaram-se:

- Assistentes virtuais em smartphones: menções ao Google Assistente e a “assistente de voz do celular”, com uso de comandos para realizar chamadas.
- Assistente pessoal Alexa: duas participantes citaram explicitamente a Alexa; uma usa para ouvir músicas e consultar informações do dia, outra demonstrou vontade de adquirir o dispositivo.
- Chatbots de atendimento: referência a agentes virtuais em aplicativos de saúde e telefonia.
- Tradução automática: menção ao uso para traduzir artigos, indicando apropriação de ferramentas baseadas em IA para fins práticos.

Entre os que não utilizam, é plausível que existam contatos indiretos, recomendações algorítmicas, corretores automáticos, filtros de *spam*, mas não percebidos como IA. Interfaces de voz foram vistas como facilitadoras: 42,9% dos participantes disseram sentir-se confortáveis usando a voz, por ser mais simples que digitar, achado alinhado à literatura sobre inclusão digital com assistentes de voz (Liao *et al.*, 2024). Já quem relatou desconforto apontou falta de habilidade, medo de “*apertar errado*” e preferência por ajuda de terceiros; o receio foi mais usabilidade do que risco ético.

Mesmo assim, 92,90% afirmaram que gostariam de aprender mais sobre IA. As motivações incluíram “*saber para que serve e como pode ajudar*”, “*usar a voz*”, “*ter uma Alexa para conversar e ouvir músicas*”. Esse interesse confirma tendências que com

apoio adequado, pessoas idosas valorizam aprender tecnologias como forma de manter autonomia (Miller & Callegari, 2024). Em sondagens amplas, observa-se também desejo de entender riscos e limitações da IA (Almeida *et al.*, 2025), o que sugere a importância de transparência e letramento digital crítico nos processos formativos.

Por fim, sobre como a IA pode ajudar, as respostas convergiram para facilitar a comunicação em mensagens/chamadas por voz, ditado para texto, organizar e lembrar compromissos como agenda inteligente para medicamentos e consultas, acesso rápido a informações como buscar notícias, tirar dúvidas e segurança doméstica como detecção de quedas, chamadas de emergência. Na saúde, a literatura mostra que a aceitação aumenta quando a IA é percebida como suporte e não substituta do cuidado humano (Wong *et al.*, 2025).

### **Conclusões ou considerações finais**

O presente estudo, ao investigar as percepções de pessoas idosas 80+ acerca da Inteligência Artificial, contribui para compreensão de um segmento pouco explorado nas pesquisas sobre tecnologia. Em síntese, os resultados revelam que boa parte dos participantes desconhecia o conceito formal de IA, embora muitos já tivessem tido algum contato prático com suas aplicações, sobretudo assistentes virtuais, sem necessariamente associá-las ao termo IA. Entre os que conheciam ou já ouviram falar, as noções são calçadas em exemplos concretos e populares, como a Alexa, ou a ideia de robôs inteligentes, havendo poucas informações detalhadas ou conceituais, um indicativo de que as fontes de conhecimento desse público são informais e fragmentadas. A adoção de tecnologias com IA ainda é incipiente no dia a dia das muitas pessoas idosas: apenas uma minoria os utiliza ativamente, geralmente em funcionalidades básicas como comandos de voz no telefone ou aparelhos assistivos domésticos para ouvir música.

As principais barreiras identificadas são a falta de habilidade/confiança para operar esses sistemas e a ausência de treinamento específico voltado a eles. Por outro lado, destaca-se a disposição praticamente unânime em aprender e experimentar. Quase todos os participantes manifestaram interesse em conhecer melhor as tecnologias de IA e em como poderiam integrá-las em suas rotinas. Esse achado reforça a importância de políticas e programas de alfabetização digital para pessoas idosas, com enfoque especial nas novas ferramentas baseadas em IA. Oferecer cursos, oficinas práticas e material didático acessível pode suprir a lacuna de conhecimento e empoderar esse público a tirar proveito das inovações. Conforme sugerido pela literatura, treinamentos intergeracionais, nos quais jovens ensinam pessoas idosas, em uma troca de experiências, têm se mostrado eficazes (Miller & Callegari, 2024). Instituições como o SESC, que já possuem tradição em atividades com pessoas idosas, podem incorporar módulos sobre assistentes virtuais, *apps* de saúde inteligentes, segurança digital e outros tópicos emergentes, garantindo que a pessoa idosa seja incluída na transformação digital em curso.

Os participantes reconhecem que a IA tem potencial para melhorar sua qualidade de vida, especialmente no que tange a comunicação, acesso à informação e segurança doméstica. Houve consenso de que tecnologias inteligentes podem ajudar pessoas idosas a se conectar melhor com o mundo digital e com outras pessoas, por exemplo, facilitando chamadas de vídeo, traduzindo mensagens, ou ampliando a acessibilidade de serviços *online*. No entanto, é fundamental que essas tecnologias sejam projetadas com usabilidade e empatia, considerando as limitações e preferências desse grupo. Interfaces complicadas, falta de suporte em português claro, ou ausência de adaptações para quem tem deficiência visual/auditiva, certamente limitarão o impacto positivo da IA para as pessoas idosas 80+. Além disso, conforme as pessoas idosas 80+ se engajarem mais com a IA, questões de ética e confiança virão à tona. É preciso garantir privacidade, protegê-las de desinformação ou golpes que possam advir do uso irresponsável de IA como *deepfakes* ou fraudes eletrônicas, bem como manejar expectativas realistas sobre o que a tecnologia pode ou não fazer.

Em conclusão, a pesquisa aponta para um cenário de cauteloso otimismo. As pessoas idosas 80+ do estudo não rejeitam a Inteligência Artificial ao contrário, muitas a enxergam como uma aliada em potencial, contanto que recebam orientação para compreendê-la e usá-la. Há, portanto, um terreno fértil para iniciativas de inclusão digital voltadas a essa faixa etária no contexto da IA. As instituições e formuladores de políticas públicas devem aproveitar essa abertura, desenvolvendo ações que unam gerações e disciplinas para inserir a pessoa idosa 80+ na era da Inteligência Artificial de forma digna, segura e proveitosa. Combater o idadismo e valorizar a capacidade de aprendizagem ao longo da vida são premissas-chave aos 80, 90 anos, muitos estão dispostos a descobrir o novo. Que a IA não seja uma barreira, mas sim mais uma ferramenta para promover autonomia, conexão social e qualidade de vida na longevidade avançada.

## Referências

AGÊNCIA DA HORA (UFSM). Idosos enfrentam mais dificuldades e preconceito no uso das tecnologias digitais. *Universidade Federal de Santa Maria*, Santa Maria, 1 set. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2021/09/01/idosos-enfrentam-mais-dificuldades-e-preconceito-no-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 5 set. 2025.

ALMEIDA, T. et al. How Older Adults Use and Think About AI. *University of Michigan National Poll on Healthy Aging*, Ann Arbor, fev. 2025. Disponível em: <https://www.healthyagingpoll.org>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Transformação digital no setor público. *Gov.br*, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mgi/pt-br/transformacao-digital>. Acesso em: 4 set. 2025.

GAVIN, K. Older adults and AI: Poll suggests a wary welcome. *Michigan Medicine – U-M Institute for Healthcare Policy & Innovation*, 17 jul. 2025. Disponível em: <https://ihpi.umich.edu/news/older-adults-and-ai-poll-suggests-wary-welcome>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LIMA, M. N. P.; ALBUQUERQUE, A. V. Inclusão digital e seus benefícios para os idosos. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 239-253, 2020. DOI: 10.23925/2176-901X.2020v23i2.

LIAO, S.; MA, M.; LIU, L.; NEVES, B. B.; KOBAYASHI, K. M. Using voice assistants in later life: a mixed-method study in a long-term care home in Canada. *Innovation in Aging*, v. 8, n. 12, p. 1–12, 2024. DOI: 10.1093/geroni/igae102. Disponível em: <https://academic.oup.com/innovateage/article/8/12/igae102/7874866>. Acesso em: 6 set. 2025.

LORENCINI, V. S. et al. Perspectivas tecnológicas para o envelhecimento populacional: o benefício da Inteligência Artificial em pessoas idosas. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 7, p. 1072-1083, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v6n7p1072-1083.

MILLER, L. M. S.; CALLEGARI, R. A. Digital Literacy Training for Low-Income Older Adults Through Undergraduate Community-Engaged Learning: Single-Group Pretest-Posttest Study. *JMIR Aging*, v. 7, e51675, 2024. DOI: 10.2196/51675.

SOUZA, R. C. G.; FARINA, R. M.; FLORIAN, F. Inteligência Artificial adaptada a idosos. *Revista Interface Tecnológica*, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 208-218, 2021. DOI: 10.31510/inf.v18i2.1453.

UNITED NATIONS (UN). World Population Prospects 2022: Summary of Results. New York: Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2022. Disponível em: <https://population.un.org>. Acesso em: 25 ago. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação por sexo e idade: 2010-2060. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 ago. 2025.

WONG, A. K. C. et al. Exploring Older Adults' Perspectives and Acceptance of AI-Driven Health Technologies: Qualitative Study. *JMIR Aging*, v. 8, e66778, 2025. DOI: 10.2196/66778.